



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

BRÍGIDA DE SOUZA OLIVEIRA

**HERDEIRAS DA INQUISIÇÃO:
Uma análise da violência contra a mulher, no desenvolvimento do capitalismo.**

Delmiro Gouveia, AL
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

BRÍGIDA DE SOUZA OLIVEIRA

**HERDEIRAS DA INQUISIÇÃO:
Uma análise da violência contra a mulher, no desenvolvimento do capitalismo.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Dr. Pedro Abelardo de Santana

Delmiro Gouveia, AL
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

O48h Oliveira, Brígida de Souza

Herdeiras da inquisição : uma análise da violência contra a mulher, no desenvolvimento do capitalismo / Brígida de Souza Oliveira. – 2018.
20 f.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana.
TCC – Artigo científico (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História. 2. Mulher – Violência. I. Título.

CDU: 93

BRÍGIDA DE SOUZA OLIVEIRA

HERDEIRAS DA INQUISIÇÃO: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER,
NO DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO EUROPEU, SÉCULOS XVI E XVII

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de
História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado.

BANCA EXAMINADORA

Pedro Abelardo de Santana

(Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL) (Orientador)

Sheyla Farias Silva

(Prof.^a Ma. Sheyla Farias Silva, UFAL) (1^a Examinadora)

(Prof.^a Dr.^a Suana Medeiros Silva, UFAL) (2^a Examinadora)

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a minha mãe Mary Silva de Souza, que fez de tudo para que minha permanência no sertão fosse confortável e produtiva. E embora cheia de saudades, sempre se mostrou firme e atenciosa as minhas questões acadêmicas e pessoais.

Também agradeço ao meu filho Aruã dos Reis Oliveira Andrade, quem me traz a paz e a luz necessária para seguir os dias com mais esperança nesse mundo tão intolerante e estranho. A toda minha família que colaborou direta ou indiretamente nessa trajetória. A professora Suana Silva, quem me co-orientou informalmente e a quem sou imensamente grata pela paciência e carinho. As amigas que nessa reta final me lembraram da importância da persistência e do afeto tão transbordante por essas bandas. Quero agradecer também ao lugar ser/tão, pela acolhida e pelos aprendizados extra acadêmicos que foram tão fundamentais para minha formação pessoal. Sou grata por cada espinho e por cada flor!

Agradeço e dedico esse trabalho também as minhas ancestrais que tão injustamente sofreram a tristeza do holocausto contra a natureza feminina. E por último, mas não menos importante sou grata pela resistência das mulheres que hoje lutam incansavelmente contra esse sistema patriarcal e opressor que continua tentando nos matar, mas juntas continuamos sobrevivendo.

HERDEIRAS DA INQUISIÇÃO: Uma análise da violência contra a mulher, no desenvolvimento do capitalismo.

Brígida de Souza Oliveira - Graduanda em História

Prof. Dr. Pedro Abelardo Santana - Orientador

Resumo: O presente artigo procura fazer um levantamento histórico da conjuntura social e econômica no período de transição do feudalismo para o capitalismo, tendo o século XVI como ponto de partida. A caça as bruxas foi um importante instrumento de legitimação da violência contra a mulher, bem como instrumento de contrarrevolução, uma vez que o movimento herético ameaçava a nova ordem econômica. Portanto, procuramos analisar alguns conceitos como os de violência, gênero, patriarcado e também o conceito de acumulação primitiva, para que possamos esclarecer o contexto do nascimento e as amarras que envolvem a violência contra a mulher até os dias atuais. Nesse levantamento, procuramos deixar claro que o Tribunal do Santo Ofício não foi uma iniciativa somente da Igreja Católica, mas sim um trabalho conjunto entre Igreja e Estado.

Palavras - chave: mulher, capitalismo, violência.

Substract: The present article tries to make a historical survey of the social and economic conjuncture in the period of transition from feudalism to capitalism, having the sixteenth century as starting point. Witches hunting was an important instrument for legitimizing violence against women, as well as an instrument of counterrevolution, since the heretical movement threatened the new economic order. Therefore, we seek to analyze some concepts such as violence, gender, patriarchy and also the concept of primitive accumulation, so that we can clarify the context of birth and the ties that involve violence against women to the present day. In this survey, we tried to make it clear that the Holy Office Court was not only an initiative of the Catholic Church but a joint work between Church and State.

Keywords: woman, capitalism, violence.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
A caça as bruxas como instrumento de contra revolução	10
O período de transição econômica	16
A questão da violência	18
A violência contra a mulher na atualidade, o que herdamos?	21
Conclusões:	24
Referências Bibliográficas:	26

Introdução

Essa pesquisa procura analisar a violência contra a mulher no período em que a Igreja Católica instaurou o Tribunal do Santo Ofício, mais conhecido como a Santa Inquisição. A “caça as bruxas” atingiu o ápice na Europa entre os séculos XVI e XVII, uma época em que as relações feudais estavam dando lugar às instituições políticas e econômicas típicas do capitalismo mercantil. Portanto faremos uma análise conjuntural para entendermos o processo histórico que levou ao sucesso da inquisição, e o apogeu do capitalismo e como esses dois momentos foram extremamente relevantes para a legitimação da violência contra a mulher. Sendo assim, o foco principal dessa pesquisa é a violência contra as mulheres na época de um dos maiores genocídios da história da humanidade.

A França do fim do século XVI é uma França em ebulição, pelos vários acontecimentos envolvendo não só a Europa, mas também parte do ocidente e oriente em relação às mudanças nos sistemas econômicos. Com o fim da peste negra no século XIV há um déficit de um terço da população europeia. E é nesse momento que as mulheres vão servir para alimentar a já iniciada guerra ao sistema feudal. Ou seja, além de servir como trabalhadora - produtora do novo sistema econômico que começa a ganhar forma, a mulher passa a ser também a (re) produtora que sustentara e garantira a mão de obra do sistema capitalista reduzindo então as mulheres a meros ventres. (FEDERICI, 2017, p.25-30)

Com a virada do século XVI, começamos a observar e relacionar a expropriação com o permanente ataque contra as mulheres. Sabemos que a Inquisição não foi exclusiva para as mulheres, o foco eram os hereges, os judeus, e tudo aquilo que fugisse do controle ou fosse contra a Igreja. No entanto, a Igreja se encarregou de construir símbolos e sinais bem comprometedores e nefastos acerca dessa mulher medieval. As mulheres livres, sem patrão, sem marido, ou sem religião eram consideradas altamente comprometidas com a heresia. Existiam políticas sexuais que deveriam ser seguidas a risca para garantir o bom funcionamento da sociedade em controle da Igreja que ainda era muito ligada ao Estado. Essas novas ferramentas de organização e controle social, antes de serem disseminadas como uma guerra acusatória contra as mulheres era muito bem organizada pelo aparato administrativo oficial, ou seja, se tratava de uma Política de Estado. O surgimento e fortalecimento do capitalismo estão necessariamente ligados ao racismo, ao sexismo e a todas as formas de segregação principalmente das minorias da sociedade. Todavia não esqueçamos que as mulheres estão longe de ser minoria, seja na sociedade medieval ou na sociedade moderna atual, somos mais da metade da população e mães da outra metade.

Então, estamos falando de um massacre contra a própria natureza humana, tendo como anunciador dessa violência o sistema capitalista, que ceifa todo e qualquer tipo de natureza. (FEDERICI, 2017, p.30-32)

Faremos então, um levantamento histórico acerca das configurações econômicas e sociais. Tendo em vista a importância desse momento econômico de transição para a caça as bruxas, faz-se necessário também o bom entendimento sobre o movimento herético, que foram em suma, tentativas de criar uma sociedade nova, como uma alternativa fora do sistema católico. O movimento herético era bem organizado e tinham programas sociais muito semelhantes ao comunismo, uma vez que o sistema feudal ainda permitia o escambo de mercadorias e a boa convivência da população medieval em alguns locais ainda não atingidos pelo interesse na moeda do feudo, levando em conta que tanto o sistema feudal, quanto o sistema capital não se instalaram do dia pra noite. (FEDERICI, 2017, p.32) Faremos, portanto um levantamento da conjuntura para que compreendamos a importância do período de transição econômica e atrelado a isso a relevância da violência como processo de legitimação do poder do Estado. Posteriormente iremos abordar a questão do imaginário medieval da mulher, a mulher bruxa como símbolo de resistência e natureza. E por fim, traçaremos um paralelo entre as mentalidades medievais e as mentalidades pós- modernas para tentar compreender como e por que o imaginário da mulher revolucionária assusta o sistema capitalista ainda hoje.

A caça as bruxas como instrumento de contra revolução

A caça as bruxas é o primeiro instrumento de contra revolução aos movimentos heréticos que surgiam não só na França, mas em toda Europa. Ora, se mantivermos o olhar atento, logo perceberemos que as mulheres não poderiam ter sido massacradas se não tivessem desafiado a estrutura de poder, seja da Igreja, ou do Estado. Não parece significativo que todo esse genocídio tenha precedido o processo de colonização, o começo do tráfico de escravos, a expansão dos ingleses, e o extermínio das populações minoritárias que comporiam as Américas? Não seria curioso observar, que o período declínio do sistema feudal e o acelerado crescimento do capitalismo acontecem, quando os camponeses chegam ao ponto máximo de seu poder e, ao mesmo tempo sofreram a pior derrota da história? (FEDERICI, 2017, p.294-297)

A relação entre homens e mulheres nos dias de hoje é, portanto um fenômeno com características medievais, levando em consideração a prática institucional no processo de degradação social das mulheres. O feminicídio que temos na nossa sociedade atual é um aviso acerca da soberania masculina pela morte de um corpo não domesticado.

Como disse Ronaldo Vainfas, “para que seu corpo não haja memória” (VAINFAS, 2004, p.100). Nesse sentido observa-se também que a literatura escrita sobre as bruxas são majoritariamente escritas por homens. Seja na propaganda da caça as bruxas de um ponto de vista favorável a execução no século XVI, ou nas produções acadêmicas das cátedras renascentistas.

O episódio de caça as bruxas é um dos episódios menos estudados da história da humanidade. E quando temos acesso a essas produções, percebemos que essas histórias são contadas frequentemente por demonólogos do século XVI e ainda assim colocam essa violência como necessária, tornando leve a culpa dos caçadores como se tivessem fazendo um favor para a sociedade. Foi o Código Legal Imperial promulgado pelo católico Carlos V, em 1532 que estabeleceu que a bruxaria fosse penalizada com a morte. Mas não uma morte simples. Tratava-se de uma morte que não deixa culpados, uma morte que ultrapassa os limites da crueldade, uma morte de apagamento da história, memória e até mesmo dos mínimos vestígios daquele corpo rebelde. Uma espécie de castigo máximo pela desobediência da ordem estatal e santa da sociedade medieval. Eram os juristas, demonólogos e magistrados que contribuía com a perseguição, perceba que não era um clamor social pela ordem, tratava-se de uma caça aos traidores do Estado. Observemos também que os tribunais eram compostos por homens cristãos, ou seja, desde o princípio o poder institucional se apresenta de forma masculina, branca, heteronormativa e burguesa. Além disso, a Igreja se apresentava como autoridade secular nas campanhas misóginas, sem esse apoio fundamental a caça as bruxas teria sido menor. Mas não esqueçamos nunca que a Inquisição sempre dependeu da cooperação do Estado. Assim, atravessando todas as fronteiras a caça as bruxas foi da França a Inglaterra, Itália, Alemanha, Suécia, Escócia e Suíça tornando-se terreno de unidade na política das novas nações. (FERECICI, 2017, p.297-308).

A teoria política do princípio da Idade Média era conformista e carregada de superstições. Desde a Antiguidade as pessoas acreditam em magia. Mas o que se criou no período medieval foi um imaginário das bruxas como satânicas e concorrentes do catolicismo. A mulher passa ganhar uma imagem infernal e a busca da perfeição pessoal ganha mais urgência devido ao medo dos castigos do apocalipse. A bruxaria na Europa cristã

misturava elementos de tradições mágicas pagãs e pré-cristãs com um sentido de oposição ao cristianismo ortodoxo. É importante saber que havia certo desejo de experimentação acompanhando o desenvolvimento das cidades, o que fez a heresia se espalhar rapidamente por toda Europa, e o clima de descontentamento com os padrões econômicos, juntamente com a repressão por parte da Igreja facilitava o processo de desordem. (RICHARDS, 1993, p.72-75).

O quarto Concílio Lateranense de 1215 foi um dos principais concílios ecumênicos da Idade Média. O rei Luiz VIII da França, Jaime I e importantes governantes seculares da Europa incorporaram muitas das medidas contra os hereges em seus códigos legais. Na verdade a visão oficial do medievo sobre o gênero feminino e a inferioridade das mulheres foi eternamente decretada pela bruxa mais antiga da história: Eva e o Pecado Original. O método da inquisição era usado pela Igreja e também pelo Estado na sua campanha para erradicar os rebeldes. (RICHARDS, 1993, p.75-77).

E aconteceu que, durante as revoltas camponesas, homens e mulheres eram massacrados pelo poder feudal. Em alguns lugares da França vilarejos inteiros tiveram seus homens presos ou mortos, e passado alguns anos nesses mesmos lugares grandes tribunais e queima de mulheres ditas bruxas. Ora, podemos observar nesse sentido que eram primeiramente as mulheres mais velhas, que haviam testemunhado o massacre anteriormente cometido pela classe dominante, e eram igualmente mortas para que elas não conseguissem disseminar a verdadeira história. Uma espécie de vingança pelos levantes e um ódio capaz de aniquilar a existência. Ou seja, o que ocorria era um apagamento da memória e da história do campesinato. Histórias bem parecidas com o que ocorreu nas Américas com os povos originários. (FEDERICI, 2017, p. 305-308).

Milhares de pessoas vinham para as reuniões noturnas conhecidas como Sabás, nesse contexto entre o medo da revolta e a insistência dos acusadores, não podemos deixar de perceber que nas colinas secretas e nos bosques noturnos talvez fosse o melhor lugar para os camponeses organizarem um motim contra a nova elite. Perceba o paralelo entre o cristão de Deus: servo, obediente, benevolente e casto, e a bruxa do Diabo: rebelde, desobediente, afrontosa e sexualmente livre, pois onde não há pecado, não há regras. Podemos ir mais longe e questionar se a expulsão de Eva do paraíso não foi um aviso para a obediência, e o castigo para a desobediência é o trabalho, o que coloca Deus como o primeiro proprietário do mundo. E tudo o que for suficientemente domesticado e não revolucionário poderá caminhar com Deus em verdes pastos e castelos de ouro puro. Trata-se de uma guerra epistemológica porque o modo de pensar o mundo, a interdependência e os prazeres, que foram

sistematicamente apagados e lançados no abismo da superstição. (FEDERICI, 2017, p. 308-312).

A nova ordem patriarcal é construída nesse terreno de caça as bruxas, na qual os corpos das mulheres, seu trabalho, seus poderes reprodutivos e sexuais passam a ser colocados a favor do Estado e transformados em recursos econômicos. O capitalismo rural se apresenta de forma decisiva nesse contexto, uma vez que a maioria dos acusados eram mulheres pobres e camponesas. Mais de 80% das pessoas julgadas e executadas eram mulheres. O crime de infanticídio era igualmente denunciado, percebamos aqui o controle reprodutivo que as mulheres medievais tinham usando a medicina alternativa como protetora. As condições de muitas mulheres no medievo eram em geral bastante difíceis, haja vista a conjuntura de mudança econômica e social. Podemos observar essas mesmas condições no sistema capitalista, marginalizando mulheres pobres, o que nos faz lembrar a questão do aborto ainda tão discutida nos dias atuais. Os meios contraceptivos e abortivos utilizados pelas mulheres foram transformados e crimes por interesse de controle populacional. Até então não eram crimes e quando o Estado decide que serão crimes reprodutivos, esses passam a protagonizar os julgamentos, e na imaginação popular a bruxa começa a ser associada a uma velha que se alimenta de crianças. Mais tarde esse estereótipo seria popularizado na literatura infantil. (FEDERICI, 2017, p. 327-329).

Havia um manual que era utilizado como principal norteador do movimento inquisitório, trazia instruções sobre como identificar e como eliminar uma bruxa. Esse manual é dividido em três partes, sendo a primeira dedicada á descrição dos poderes demoníacos aos quais as mulheres eram as principais suspeitas. A segunda parte traz ensinamentos sobre o reconhecimento e a neutralização da bruxaria no cotidiano da população. E a terceira parte se refere ao julgamento e ás sentenças a serem aplicadas aos que fossem considerados culpados. Esse manual foi escrito em 1484, pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger e como já foi dito, contém detalhes assustadores dos modelos de execuções. Vejamos o que nos conta o *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras):

“Se após a devida sessão de tortura a acusada se recusar a confessar a verdade, caberá ao Juiz colocar diante dela, outros aparelhos de tortura e dizer-lhe que terá que suportá-los se não confessar. Se então não for induzida pelo terror a confessar, a tortura deverá prosseguir no segundo ou no terceiro dia, mas não naquele mesmo

momento, salvo se houver boas indicações de seu provável êxito”. (O Martelo das Feiticeiras, 1991, p. 433).

Essas e outras formas de confissão estão detalhadas no compendio de regras a serem seguidas pelos inquisidores. O que nos chama atenção nesse livro é a naturalidade com que os autores narram – em nome de Deus – as atrocidades cometidas pelos algozes. Percebemos uma frieza cruel e sádica acerca da imagem da mulher no medievo. Muitas vezes as condenadas eram estupradas para que os juízes ficassem sabendo se se tratava de uma mulher virgem ou não. Notamos nesse sentido que verdadeiramente havia uma espécie de desejo pelo corpo rebelde e livre das mulheres. E como as políticas sexuais da época legalizava o estupro em várias situações, essa prática era lamentavelmente comum naquela sociedade. A introdução do manual traz uma interessante e significativa passagem quando fala da inveja que os homens sentem do poder de reprodução da mulher. “essa primitiva “inveja do útero” dos homens é a antepassada da moderna “inveja do pênis” que sentem as mulheres nas culturas patriarcais mais recentes”. (O Martelo das Feiticeiras, 1991, p. 5). Faz-se necessária a crítica a esse ponto inicial da obra. Ora, não é da forma fálica que sentimos inveja, inveja não é nem a palavra certa. O que desejamos acima de qualquer coisa é a igualdade e o não cerceamentos dos nossos corpos, a não apropriação do nosso útero em nome do capitalismo.

A caça as bruxas foi uma tentativa de degradação social acerca da imagem da mulher. Esse imagético satânico em volta das bruxas se perpetua até hoje. A intenção era exatamente essa, demonizar as mulheres e destruir seu poder social, regulando a vida familiar, as relações de gênero e a propriedade. A imagem da feminilidade construída no medievo coloca a mulher como fraca corporal e mentalmente, como sendo naturalmente inclinada ao mal, e todos esses arquétipos serviam para justificar a nova ordem patriarcal. (FEDERICI, 2017, p. 332-341).

Sendo assim, os hereges tornam-se majoritariamente mulheres e os crimes reprodutivos passam a ser absolutamente repreendidos. Lembremos que nos séculos XVI e XVII a mortalidade infantil era muito grande devido ao crescimento da pobreza e desnutrição. Devemos lembrar também, que no século XVII temos a consolidação do capitalismo e da exploração da força de trabalho. A questão da reprodução e do tamanho da população fica preocupante aos olhos do capital. O declínio populacional faz com que surja uma tentativa de criminalizar o controle de natalidade, e nesse sentido o corpo feminino é colocado a serviço do Estado, e o útero institucionalizado passa a ser uma máquina para reproduzir mão de obra. (FEDERICI, 2017, p. 332-334).

A caça as bruxas foi um instrumento de domesticação do corpo, da mente e da natureza da mulher em favorecimento a supremacia masculina. Existia uma profunda alienação psicológica entre os homens com relação às mulheres o que enfraqueceu completamente o poder coletivo, pois, ao reprimirem as mulheres a classe dominante reprimia de forma ainda mais eficaz o proletariado como um todo. Nessa conjuntura, percebemos também uma racionalização capitalista referente à sexualidade. A proibição de todas as práticas não (re) produtivas foi fundamental nesse processo. Portanto é válido observar como essa nova disciplina associa a imagem dessa mulher como “velha feia”, ou seja, há uma inversão na imagem da mulher velha que outrora era tida como sábia e nesse contexto de caça as bruxas vem como algo obsoleto tendo em vista que não atende mais a necessidade do capital, não serve mais para procriação então deverá ser lançada ao fogo. A lógica do novo sistema “criminalizava qualquer atividade que ameaçasse a procriação, a transmissão da propriedade dentro da família ou que diminuísse o tempo e a energia disponíveis para o trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 354).

Esse contexto de caça as bruxas não foi diferente quando os europeus chegaram as Américas. O Tribunal do Santo Ofício também foi instaurado com a finalidade de destruir o culto aos deuses considerados demônios no chamado “Novo Mundo”. Líderes indígenas, homens, e mulheres foram igualmente dizimadas nas fogueiras e tiveram suas memórias ceifadas pelo progresso do capital mercante. A ideologia racista se desenvolveu nos braços da conquista colonial. O tráfico de escravos era justo na visão dos colonizadores uma vez que o diabo era representado como um homem negro. A africanização das bruxas também é um ponto importante de ser observado, tendo em vista que até hoje os povos das nações africanas são julgados por suas práticas religiosas. Seus símbolos sagrados foram transformados em símbolos satânicos. O tridente, por exemplo, é associado à figura do satanás de pele preta, com pés de cabra e chifres. Agora sabemos que todos esses signos foram milimetricamente construídos a favor do sistema religioso dominante. Na verdade o tridente é uma paramenta de uma divindade chamada Exu, que representa o guardião de todos os caminhos e veredas do mundo, Ele leva o tridente consigo cada ponta representando um elemento natural. Essa associação, apropriação de objetos e distorção de símbolos sagrados até hoje é observada na nossa sociedade. Infelizmente os cidadãos modernos ainda não se desfizeram ideologia racista medieval. A intolerância religiosa e o frequente ataque às casas de axé nos levam a lamentar essa sociedade doentia e cruel que a Igreja, e o Estado (isso é importante de lembrar), construíram para o favorecimento do lucro e cerceamento dos corpos rebeldes não

só das mulheres, mas também dos negros e dos índios até hoje massacrados em sua natureza e transformados em meras mercadorias. (FEDERICI, 2017, p.363).

O período de transição econômica

Agora faremos um breve levantamento histórico dos moldes econômicos do período medieval, afim de um maior entendimento sobre o que significou o período de transição do feudalismo para o capitalismo. O termo Idade Média é visto pela primeira vez apenas no século XVII, surge com os humanistas italianos a fim de diferenciar um período sombrio da história, para o dito período das luzes, da sapiência, ou seja, surge uma periodização da história. A história passa a ser observada linearmente, dando a ideia de evolução, de renascimento. No século XVII começa a se desenhar uma ideia de progresso em oposição ao passado. A sociedade passa a sentir necessidade de diferenciar e dividir religião, política e Estado, mesmo que de uma forma bem crua e inicial, tendo em vista que até hoje esses três pilares ainda se corroboram na sociedade capitalista. Quando os humanistas criam a ideia de Idade Média, está sendo posta uma revolução cultural, que se manifesta nas ciências, nas artes e nas letras. (LE GOFF, 1994, p. 35-40)

A Idade Média é assimilada ao feudalismo, ou seja, a junção da tecnologia a um regime econômico, bem como formadores da estrutura social baseada no contrato desigual entre o senhor e seus servos. Nesse contexto, temos: A Antiguidade com o sistema econômico escravista, O Período Medieval com o sistema econômico do feudo e por fim, Os Tempos Modernos com o sistema capitalista. Todavia devemos nos ater ao fato de que esse processo foi lento e duraram séculos. Após a revolução industrial o sistema econômico começa a se desenhar de forma mais estrutural e bem diferente. Então temos as atividades primárias, secundárias e terciárias, mas isso só seria definido mais tarde pelos estudiosos economistas. (LE GOFF, 1994, p. 41)

A transição do feudalismo para o capitalismo se dá de forma mundial, porém em escala desigual. As forças que agiram no sentido do desenvolvimento econômico da Europa, estavam em toda parte. No entanto, não necessariamente com o mesmo resultado, tendo em vista as circunstâncias sociais e históricas. Para entendermos essa transição, temos que recapitular e saber que houve pelo menos cinco ou seis fases de crise e apogeu do sistema feudal, até que se pudesse falar em um novo sistema econômico. No início da Idade Média

por volta do século X houve uma retração da economia feudal, bem como um período de retrocesso após o desmoronamento do império romano. (HOBSBAWN, 1997, p 201-204)

Já a Alta Idade Média, consistiu num período bastante fértil em vários aspectos, são eles: o aumento da população, conseqüentemente o aumento da manufatura, produções, comércio e cidades, bem como a expansão de território e as colonizações. (HOBSBAWN, 1997, p.204). Outro fator importantíssimo aqui é atentar ao fato de que foi na Alta Idade Média (já no século XIV), que tivemos as cruzadas contra os muçulmanos, emigrantes, hereges e tudo que fosse contra a aristocracia cristã vigente.

Com a peste negra, na segunda metade do século XIV, temos um declínio considerável de um terço da população europeia. Com essa catástrofe pandêmica, se dá à crise feudal do século XIV até o XV, caracterizada pela falta de mão – de – obra na agricultura. A peste negra, também conhecida como peste bubônica foi importante na crise do sistema não só pela baixa na produção, mas também o declínio da cavalaria medieval e a ascensão social de boa parte dos camponeses que se apropriaram das terras sobressalentes, ou seja, temos algumas revoltas camponesas, que vão dar outra roupagem a essa situação de crise. Havia uma crise no sistema feudal para os senhores burgueses e para o clero que também teve perdas consideráveis com a peste negra, tendo em vista que a morte se espalhava por todos os níveis da sociedade. (HOBSBAWN, 1977, p. 206)

Da segunda metade do século XV até o XVII temos uma grande expansão marcada pela forte ruptura na base da sociedade feudal, a Reforma Protestante e elementos da revolução burguesa. Temos também, os conquistadores europeus na América e mercadores no oceano Índico. Nesse mesmo período podemos observar uma série de revoluções, a Revolução Inglesa, Francesa, bem como a Revolução Americana e a Revolução Industrial na Grã- Bretanha caracterizando assim um triunfo definitivo do sistema capitalista. (HOBSBAWN, 1977, p.208)

Podemos observar que essa transição do sistema feudal para o sistema capitalista não teve nada de uniforme quando Éric Hobsbawn nos diz:

“O efeito final da ascensão do capitalismo europeu foi, portanto, intensificar o desenvolvimento desigual e dividir o mundo cada vez mais nitidamente em dois setores: o desenvolvido e o subdesenvolvido, em outras palavras, o explorador e o explorado. O triunfo do capitalismo no final do séc. XVIII selou essa evolução. O capitalismo, que sem dúvida proporcionou as condições históricas para a

transformação econômica em toda parte, de fato dificultou ainda mais as coisas para os países que não pertenciam ao núcleo original de desenvolvimento capitalista.” (HOBSBAWN, 1977, p. 208).

Trazemos toda essa discussão histórico-sistemática e periódica afim elucidar o período em que a sociedade passa a (re) significar a força de seu trabalho. Um período de extrema hostilidade e violência, apropriações e explorações não só da mão – de – obra dos trabalhadores, mas também da própria natureza. Ou seja, a luta do feudo tratava-se de uma luta de classes incansável, e podemos perceber agora que o cenário medieval era um cenário de constantes conflitos, muito contrário aquele cenário de conformismo e graça que percebemos nos livros didáticos.

Devemos lembrar que essa acumulação do capital se dá através de crises cíclicas e dos desequilíbrios que marcaram o fim do sistema feudal. A expansão europeia vem carregada de violência legalizada e institucionalizada. Em 1760 a manufatura é substituída pelas máquinas o que permite aumentar a produção em grande escala, e também com o avanço da tecnologia dos maquinários a força da mão- de – obra é reduzida, mobilizando o trabalho de mulheres e crianças para alimentar o capital já definitivamente instaurado e forte. (VILLAR, 1988, p. 37-49)

A questão da violência

A verdadeira história por trás da conquista capitalista depende diretamente do grande desempenho da expropriação, do assassinato, ou seja, da violência. No processo de acumulação não existe inocência, a dominação se dá através do ato de subjugar o outro, em Marx temos:

“O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção.” (MARX, 1980. Livro I, v. I p.828).

À medida que a sociedade mergulha em crise, a classe dominante recorre cada vez mais a métodos repressivos a fim de manter o controle da situação. Uma conjuntura de crise econômica sempre será acompanhada de um aumento da violência organizada pela classe

dirigente. (MARX, 2013, p. 820). Precisamos aqui, entender que, a violência fica posta de modo a fortalecer e legitimar o estabelecimento definitivo e máximo do novo sistema econômico. O aprimoramento bélico, o uso de armas, o ambiente de opressão em si que reproduz o protagonismo burguês como controladores de seus opositores. A violência é uma das formas que garante a reprodução ampliada do capital.

Para compreendermos o papel histórico desempenhado pela força, seja ela das relações sociais no Estado, ou por meio do uso da força pelo próprio Estado contra os opositores do sistema capitalista, vejamos o que diz Marx em O Capital, “A violência é a parteira de toda a sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova.” (MARX, 2013, p. 821). Nessa passagem podemos identificar algumas metáforas que dão luz a alguns pontos centrais da discussão acerca do papel da violência no processo histórico da transição do capital. Primeiramente temos: a violência como potência, porém em um papel marginal do processo. Um segundo ponto é que a nova sociedade já existe no corpo social passado.

Ainda no sentido de linearidade histórica, Marx escreve: “A estrutura econômica da sociedade capitalista nasceu da estrutura econômica da sociedade feudal. A decomposição desta liberou elementos para a formação daquela” (MARX, 2013. p. 828). Nesse contexto, percebemos então o estado como um instrumento de violência organizada, altamente interventor e controlador da economia e associado a isso temos a origem da família associada origem da propriedade privada que, com a benção da religião, funciona de forma a unir todas as pontas do sistema capitalista.

A violência também é analisada por vários campos do saber, tais como direito, filosofia, economia, psicologia, etc. No entanto, o intuito desta pesquisa é analisar o processo de caça as bruxas como um fator relevante para a construção do processo histórico de transição, bem como o fortalecimento da violência em disposição do novo sistema econômico. Que tem em sua gênese a violência como cúmplice, uma vez que as forças reacionárias também agem com violência quando pressionadas. Ou seja, a violência se institucionaliza de forma a servir o estado, logo a população absorve essa subjetividade e a reproduz contra o sistema e pior, uns contra os outros. (FRIEDRICH, 2004, p.26-32)

Segundo Marx,

“Na história da acumulação primitiva, o que faz época são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação, mas, acima de tudo, os momentos em que grandes massas humanas são espojadas, súbitas

e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários absolutamente livres." (MARX, 2013, p. 787).

Portanto, no processo histórico da chamada “acumulação primitiva”, os trabalhadores são separados de seus meios de produção, sua força de trabalho é transformada em mercadoria, bem como os próprios trabalhadores. Assim percebemos a realidade violenta que se solidifica nas relações capitalistas. Quando Marx nos fala que, “a sociedade velha está prenha da sociedade nova” ele nos faz pensar que de tempos em tempos, certas soluções são engendradas pela necessidade material de revolucionar as condições de vida dos sujeitos. Logo, o próprio capitalismo é transitório, apesar de sistêmico, não é eterno, portanto, e carrega em si, ou seja, no interior de suas próprias contradições, o gérmen de uma nova sociedade. (MARX, 2013, p. 820)

Rosa Luxemburgo também analisa essa violência sistêmica, nos dizendo assim:

“(…) Eis porque o capitalismo, onde quer que seja, procura sempre destruir a economia natural sob todas as suas formas históricas com as quais possa vir a deparar-se: luta contra a economia camponesa patriarcal”. Os principais métodos dessa luta são a violência política (revolução, guerra), e a pressão fiscal do Estado e o barateamento das mercadorias, que ora caminham juntos, ora se sucedem ou se apoiam reciprocamente. (...) O sistema fiscal que aí se pratica, assim como o comércio, especialmente o estabelecido com as comunidades primitivas, constitui uma miscelânea de violência política em ligação estreita com fatores econômicos. (LUXEMBURGO, 1985, p. 254)

Sendo assim, a cada novo fator econômico, uma nova perspectiva de violência o acompanha. Sendo a violência vivida em todas as comunidades primitivas, pois cada uma, em algum momento enfrentou uma revolução econômica. “O capital não conhece outra solução senão a violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje.” (LUXEMBURGO, 1985, p. 255). Rosa enxerga a violência como processo histórico, tão gradativamente ligado ao sistema econômico. Uma vez que o sistema vai se tornando mais opressor, a violência precisa estar ao mesmo passo. Haja vista a exploração da própria natureza humana.

Nesse sentido de dominação e opressão, temos vários autores que conceituam e nos contam sobre violência institucional e sua gênese. Citaremos Hanna Arendt que discorre sobre a violência como instrumento do poder, e conceitua: “o poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e só continua enquanto o grupo mantém a sua união” (ARENDR, 1969, p. 49). E ainda o conceito de violência quando bem diz nas páginas seguintes que: “A violência é, por natureza, instrumental; como todos os meios, requer sempre orientação e justificação através do fim que visa” (p. 55-56).

Com essa relação de poder e violência posta, Hanna conclui que:

“o poder e a violência, embora sejam fenômenos diferentes, surgem habitualmente juntos. Sempre que se combinam, é o poder, como já sabemos, o fator primeiro e predominante (...) a violência não depende do número ou das opiniões, mas dos instrumentos, e os instrumentos da violência (...) aumentam e multiplicam, como todos os outros utensílios, a potência humana” (p. 57).

Ou seja, a violência é instrumental e torna-se uma ferramenta do poder, porém precisa ser justificada, no mesmo sentido, temos a violência como uma pré-condição de poder. O poder sem violência não é legítimo, mas, precisa não de justificativa como a violência, e sim de legitimação. E quando assim posto, percebemos que as relações de poder são permeadas por relações de forças, seja ela de que forma for, física, verbal, institucional, privada ou pública.

A violência contra a mulher na atualidade, o que herdamos?

“Para ele, ela era uma mercadoria fragmentada cujos sentimentos e escolhas raras vezes eram consideradas: sua cabeça e seu coração estavam separados de suas costas e mãos, e divididas de seu útero e vagina. Suas costas e músculos eram forçados no trabalho do campo [...] às suas mãos se exigia cuidar e nutrir o homem branco [...] sua vagina, usada para o prazer sexual dele, era a porta de acesso ao útero, lugar para os investimentos dele – o ato sexual era o investimento de capital, e o filho, a mais-valia acumulada. [...]” (OMOLADE, 1983.).

Atualmente o ódio masculino tem se tornado descaradamente mais claro e forte. Quanto mais às mulheres progredem nas discussões, nos cargos e na sociedade, mais o lugar de privilegio dos homens passa a ser ameaçado. É nesse sentido que falar sobre violência contra a mulher é ao mesmo passo fazer a discussão e a relação entre gênero e patriarcado.

Discutir o patriarcado é discutir absolutamente o sistema capitalista, uma vez que eles andam de mãos dadas e são os principais assassinos de nossos corpos e natureza. Não se discute violência doméstica sem se discutir violência de gênero, e não se discute violência de gênero sem discutirmos a violência institucional a que estamos impostas. A questão do patriarcado caracteriza um determinado período histórico, ou seja, é tido como um processo antropológico, mas isso não quer dizer que temos que naturalizar o machismo como um processo biologicamente aceitável, pelo contrário, o que precisamos é questionar as querelas que essa prática deixa nos nossos corpos até hoje. (SAFFIOTI, 2011, p. 10-38).

O gênero deve ser introduzido enquanto conceito, levando em consideração que a palavra em si não carrega um significado social. Portanto precisa estar situada enquanto conceito no contexto da sociedade para análise da realidade. Foram as feministas que sentiram necessidade de questionar esse sentido de feminilidade e masculinidade como imposição e construção social. Assim, essa construção social é responsável historicamente por determinar os papéis na sociedade. Exemplo disso é a forma como a mulher é destrutada, uma vez que a mulher representa uma figura secundária nas relações. Desse modo, a figura do homem é posta em primeiro plano como um sujeito apto a desenvolver papéis sociais voltados para a sociedade externa enquanto para a figura feminina cabe a esfera privada. Nesse sentido faz-se necessária a defesa do uso dos dois conceitos: gênero e patriarcado em vez de um em detrimento do outro, sabendo da corroboração mútua que eles se sujeitam. Então temos o patriarcado como um sistema de dominação. (SAFFIOTI, 2011, p. 38-46)

A necessidade em se fazer uma história feminista do conceito de patriarcado é justamente para questionar a naturalização desse conceito que no senso comum é relacionado a algo benéfico ou no mínimo apazível, sendo acompanhado da ideia de proteção. Desse modo, a análise do conceito de patriarcado permite entender as relações que perpassam o pessoal e o comum. Assim, o não uso da categoria patriarcado nos deixa sem entender esse sistema como uma macro estrutura, que é o que ele realmente representa. Portanto, o patriarcado é um tipo hierárquico de sistema que invade todas as relações em sociedade. Tem sua base material na relação de dominação de classe, dominação do corpo da mulher e etc. Ou seja, uma estrutura de poder que reflete no âmbito institucional, em todas as tipologias de relações. (SAFFIOTI, 2011, p. 46-68). A solidariedade masculina independe de raça ou classe, eles se encobrem e se colaboram. E o controle está sempre em mãos masculinas, seja no sentido da exploração (salários maiores ou hierarquia) ou no sentido da dominação.

Não se discute gênero sem se discutir raça-etnia. Todas as minorias são frutos do sistema capitalista. Não basta às mulheres estarem presentes, precisamos enxergar o feminismo não

apenas como conflito de interesses, mas como uma contradição social. Nesse sentido, a luta das mulheres pela igualdade perpassa pela discussão de sociedade em amplos aspectos. A sociedade contemporânea não consegue enxergar para além de uma visão patriarcal, que divide a sociedade em dois gêneros, onde o masculino é visto como superior ao feminino, os papéis de ambos os gêneros são muito bem definidos na nossa sociedade, religião, família, Estado e todas as instituições colaboram com a permanência do modelo patriarcal, o que dificulta qualquer visão diferente. Com o surgimento da propriedade privada e da família, estava instaurado o patriarcado, a propriedade privada exige a castidade da mulher, para garantir que o filho nascido seja de seu marido, e que as propriedades sejam herdadas pela mesma linhagem, dessa forma surge à monogamia, o casamento e a exigência da virgindade da mulher, e as punições severas ao adultério cometido pela mulher. (SAFFIOTI, 2017, p. 70-99).

As políticas públicas estão sob a égide masculina, o poder se apresenta como sendo majoritariamente homem, branco, heteronormativo e burguês. Mas, como já foi dito esse modelo de poder surge na idade média e na urgência de controlar as revoluções contra o capital que era assegurado pelo Estado. Hoje o corpo da mulher continua sendo um território institucionalizado e sofre com a desumanização desse território apropriado forçadamente pelo pai, pelo patrão, pelo marido e pelo mercado. Somos levadas a pensar que não existem brechas no capitalismo, ele é o único sistema que pode ser altamente discutido, porém dificilmente modificado. As crises cíclicas que enfrentamos e ainda enfrentaremos não nos mostram caminhos contra esse sistema patriarcal-capitalista a não ser igualmente pela força. (SAFFIOTI, 2017, p. 100-113).

Angela Davis nos conta a importância de existirmos como linha de frente na batalha contra o capital. Esse sistema que se mostra confortável para uns e massacrante para outros tenta esconder as minorias, ou pior, consegue torna-las invisíveis. As minorias estão tendo suas memórias apagadas e a fogueira agora é simbólica, mas igualmente aniquiladora e o caráter inquisitório continua cada vez mais latente. As mulheres negras periféricas têm seus corpos e sua produtividade explorada por homens e mulheres brancas burguesas. As mulheres negras morrem várias vezes. São mortas pelo Estado omissivo, pela sociedade racista, pelo entalho do grito não dado. No entanto são as mulheres negras que tem o maior histórico de enfrentamento do sistema patriarcal, seja o enfrentamento sutil, mas igualmente legítimo na religião com suas divindades femininas, ou no enfrentamento armado no front de batalha. A resistência da mulher negra (re) existe e acreditem sem elas nós não teríamos chance. (DAVIS, 2016, p. 93-135).

Conclusões:

A história da caça as bruxas é a real história do início da violência contra a mulher. O primeiro grande genocídio da história da humanidade tem como personagens - vítimas mulheres camponesas expropriadas de seus próprios corpos. A grande caça as mulheres no século XVI não só na França, mas em todo ocidente, nos mostra a gigantesca ameaça que o poder da natureza feminina demonstra contra o sistema capitalista. A história da sexualidade, inventada por Foucault não da conta de uma história da sexualidade da mulher. A história do capitalismo descrita por Marx, não da conta de uma história do capitalismo do ponto de vista da mulher, ou pelo menos colocando a mulher como sujeito fundamental desse período de transição. É assustador observar como grandes pensadores ignoram, desconhecem ou desvalorizam o fato de existirem mulheres nas barricadas em todos os tipos de revoluções.

A violência de hoje infelizmente é a mesma do século XVI, só que as mulheres de hoje não são as mesmas. Hoje estamos nas ruas, nas diretorias, nas passeatas contra o fascismo e contra o neoliberalismo que tanto nos mata e nos mutila. Hoje somos bruxas soltas, apesar da tentativa do Estado de nos calar, nós gritamos e gritaremos ainda mais alto para sermos ouvidas através dos tempos. Hoje somos milhões de mulheres e (re) nascemos das cinzas das nossas tataravós, e dizemos NÃO ao patriarcado, ao genocídio institucional e ao dízimo pago com nossos corpos. Hoje temos consciência do nosso corpo enquanto território, casa e abrigo. Até para que houvesse o dia da mulher foi necessário um assassinato coletivo das companheiras da fabrica-fogueira (simbólico não?). Mas hoje somos várias e sabemos que nosso útero é laico, nosso gozo é natural e não queremos flores, queremos respeito e igualdade de direitos.

O título Herdeiras da Inquisição não é pra ser poético, é um título fúnebre e por tanto triste. O feminicídio é uma realidade cruel, as altas taxas de mortalidade de mulheres negras, periféricas, indígenas, ciganas, imigrantes, ribeirinhas, quilombolas, mulheres que morrem na mesa de parto pela negligencia médica, mulheres que morrem duas ou mais vezes pelo estupro dos seus corpos. Herdeiras da Inquisição se trata não apenas de um trabalho de conclusão de curso, mas de um levantamento histórico da construção da violência sofrida por mim, pela minha mãe, pela minha avó e por todas as outras ancestrais queimadas covardemente, injustamente em nome do mercado.

Este trabalho se trata de militância e também de resistência, e eu não estaria satisfeita se não se tratasse de algo tão íntimo e ao mesmo tempo tão urgente. A questão da violência contra a mulher precisa ser discutida na academia sim, correndo o risco de ser taxada como “militante ousada”, não fujo a luta. Enquanto você lê esse texto ao menos 43 mulheres foram assassinadas. Não temos mais tempo. Estamos na universidade para fazer ciência, mas

também estamos para fazer revolução através do saber e discernimento, então parafraseando Marx (militante comunista) terminarei dizendo: Bruxas do mundo uni-vos!

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, Hanna. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume - Daumará, 1994.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Sycorax, 2014. São Paulo.

HOBBSBAWN, Eric. **Do feudalismo para o capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Por uma longa Idade Média**. In: O imaginário medieval. Ed. Stampa, 1994.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1991.

LUXEMBURG, Rosa. **Acumulação do Capital: Contribuição ao estudo econômico do imperialismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **A Chamada A cumulação Primitiva do Capital**. In: O Capital: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boi Tempo, 2013.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média**, Cap. 4, bruxos, ZAHAR. 1993. Rio de Janeiro.

SAFIOTT, Elliot. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 2004.

VILLAR, Pierre. **A transição do Feudalismo para o Capitalismo**. In: SANTIAGO, Théo (org.) Do Feudalismo ao Capitalismo: uma discussão histórica. São Paulo: Contexto, 1988.